

O Pomar de Mangueiras

Recontado por Eesha Sardesai

Era verão, e o ar no pomar de mangueiras tinha um cheiro adocicado. Fileiras após fileiras de árvores no pomar se estendiam tão longe quanto os olhos podiam ver, cada uma delas carregadas de frutas. As cascas das mangas tinham tons laranja avermelhadas, e essa cor era uma mensagem para aqueles que sabiam que *sim* — elas estavam prontas para serem saboreadas.

O pomar pertencia a uma mulher de bom coração e generosa, cuja família era proprietária e dele cuidava havia muitas gerações. Todos os anos, quando as mangas estavam totalmente maduras, ela escolhia um dia em que abria o bosque para as pessoas da cidade. Qualquer pessoa — jovem ou velho, rico ou pobre — era convidada a vir.

Neste dia, a única condição era que o pomar ficaria aberto por três horas somente. Durante estas três horas, as pessoas poderiam apanhar e comer quantas mangas desejassem — sem custo — e poderiam encher cestas com mangas e levar para casa. No entanto, uma vez terminadas as três horas, elas precisariam ir embora.

Este dia especial aconteceu novamente. O sol cintilava morno e brilhante, fazendo sombras caleidoscópicas através das árvores. O céu era de um azul claro e limpo. E aquele aroma doce de fruta que *havia acabado* de amadurecer circulava pelo ar de forma tentadora. Uma fila começou a se formar do lado de fora do portão do pomar.

Com um grande sorriso, a proprietária acolhia todos ali reunidos.

— Bem-vindos! — Disse, e olhou para algumas crianças que lá estavam, seus dedos dobrados sobre o delicado ferro forjado do portão enquanto espiavam o lado de dentro. — Vocês estão prontos para algumas mangas?

As crianças acenaram com a cabeça, arregalando seus lindos olhos.

— Bem, neste caso — ela disse — entrem!

E com isso, ela destrancou o portão e acenou para que todos entrassem. Com vivas e gritos de alegria, as crianças correram primeiro, seguidas de perto pelos seus pais e outros adultos. Em pouco tempo havia pessoas serpenteando por todo o pomar, apontando para aquelas árvores que pareciam mais promissoras, esticando-se para alcançar as frutas com a aparência mais saborosa. Sentaram-se à sombra das árvores partindo seus prêmios, as mangas carnudas e doces como néctar, seu suco melado escorrendo pelos braços. Todos, assim parecia, estavam se *divertindo muito*.

Quer dizer, todos, exceto uma pessoa. De pé no portão, com os pés metade dentro do pomar e metade fora, havia um homem. Ele observava o que acontecia — a bagunça, a comilança, o riso — com a testa franzida.

Quando a dona do pomar viu este homem e como ele olhava perplexo, ela caminhou em sua direção.

— Senhor — ela disse —, gostaria de entrar e provar algumas mangas? Elas estão deliciosas, se me permite dizer.

O homem parou por um instante antes de responder; as linhas em sua testa se aprofundaram.

— Era o que eu pretendia fazer quando cheguei aqui — ele disse. — Ouvi que havia mangas e que todos eram bem-vindos a apanhar algumas.

— Sim, está certo — a dona respondeu. Ela sorriu de forma encorajadora para ele.

— Então, por que não entra?

— Be-e-em... — o homem disse, com uma voz hesitante.

— O que é? — a dona perguntou.

— Eu... eu não sei — o homem respondeu. De repente, as palavras começaram a brotar de sua boca. — Pensei que eu *realmente* quisesse comer essas mangas. Por isso vim andando até seu pomar, mas agora que estou aqui e vendo todas essas árvores, mangas e as pessoas, e tudo é tão pitoresco, agora estou em dúvida.

— Que tipo de dúvida? — a proprietária perguntou.

O homem deu uma espiada nos arredores mais uma vez, com os olhos arregalados conforme absorvia cada árvore, cada manga, cada pessoa desfrutando desta abundância da terra.

— Quero dizer, como isso pode ser de verdade? — Exclamou finalmente. — Podemos comer todas essas mangas? E mangas tão perfeitas assim? Não, não, isso é bom demais para ser verdade. Isso deve ser uma pegadinha.

— Senhor, não tem pegadinha alguma — a proprietária disse. — Eu gostaria muito que o senhor viesse e se servisse de algumas mangas. A única coisa que precisa ter em mente é que o tempo é limitado. Não posso manter o pomar aberto todo o dia. Então o senhor precisa vir agora.

O homem mal conseguia prestar atenção ao que ela dizia. Estava se perdendo no redemoinho de seus próprios pensamentos e emoções.

— Para ser honesto — disse — nem mesmo sei se deveria estar aqui. Onde eu estava com a cabeça? Tenho tantas responsabilidades me esperando em casa. E aqui estou eu, pensando em comer mangas!

— Meu senhor — a proprietária tentou interromper, mas agora o homem já nem olhava mais para ela. Seus olhos estavam fixos no chão; ele falava diretamente com a grama.

— Quem sou *eu* para estar sentado aqui comendo mangas? O que fiz para merecê-las? Com certeza, as mangas são para pessoas melhores.

— As mangas são para todos! — a proprietária exclamou. — É disso que se trata.

O homem levantou o olhar, em sua direção.

— Para todos? — Perguntou admirado.

— Sim — a proprietária repetiu. — Para todos.

O homem abriu a boca e a fechou novamente. Por uns instantes alguma coisa parecia tremular detrás de seus olhos, algum tipo de luz. Mas escureceu de novo. Sua face ficou sombria.

— Ó, mas você não me conhece. Tenho certeza que não sou como as outras pessoas aqui. Não tem jeito, não sou bom o suficiente para receber essas mangas...

Ele continuou dessa forma, seus pensamentos e seu discurso num crescendo desvairado, cada vez mais frenético. Por fim, a proprietária desistiu de pará-lo; ela

tinha outros convidados para dar atenção. Ela o deixou no portão, resmungando consigo mesmo.

Depois de algum tempo, as pessoas começaram a deixar o pomar com grandes cestas de manga aninhadas em seus braços. Ao vê-los, o homem pareceu voltar ao normal.

— Ei! Aonde vocês estão indo? — perguntou.

— Você não ouviu? — uma pessoa respondeu. — O bosque vai fechar em um minuto. Se você quer uma manga, se apresse! Seria melhor você pegar uma agora.

Mas, puxa vida, o homem não se apressou. Ao contrário, seu rosto desmoronou.

— Ó nãããooooo! — ele gemeu. — Por que esperei tanto tempo? Como pude ser tão tolo? Agora só resta um minuto...

E então ele viu a proprietária do pomar andando em sua direção.

— Desculpe-me, senhor —, ela disse gentilmente, quando chegou ao lugar onde ele estava. — Tenho que fechar o pomar agora. As três horas terminaram.

Ela estendeu a mão até o portão, e sem dizer palavra, o homem deu um passo para trás. O ferro forjado balançou na frente dele; a tranca clicou. E, à medida que a luz no céu escurecia, o homem permaneceu lá, parado, e as mangas logo ali, do outro lado.

